

EMENTA MINICURSO FORPRED

O QUE SE APRENDE COM A AUTOAVALIAÇÃO PARTICIPADA: rumo a construção de redes colaborativas

Denise Leite - UFRGS

Mara Regina Lemes De Sordi - FE/UNICAMP

Cristiane Machado - FE/UNICAMP

Ementa: Princípios, interfaces e desafios da autoavaliação participada, do planejamento estratégico no aprimoramento dos programas de Pós-Graduação em Educação.

Objetivos: Fortalecer uma cultura de avaliação referenciada na qualidade social da educação

Sistemas de avaliação são construções sociais que se tornam fortes na medida em que envolvem diferentes participantes nelas interessados. Sujeitos que aprendem a contornar e superar as tensões entre critérios universais de avaliação, como aqueles estabelecidos pela Capes, entendidos como verdades, e os contextos específicos de cada local e território. Iluminados pelos aportes da autoanálise executada por uma comunidade de múltiplos atores e sensíveis aos contributos da regulação externa, os Programas recuperam a coerência todo/parte e se fortalecem na defesa de seus princípios axiológicos. A avaliação externa deixa de ser uma ameaça. A feição pedagógica e política da AA se consubstancia e dá visibilidade às potências do programa e às eventuais questões ainda não resolvidas ou enfrentadas, por exemplo, a adequação da produção discente (e docente) à natureza do Programa; a dicotomia quem frequenta o programa e quem deveria ter acesso a ele; a ausência de integração com as comunidades educativas do local, as atividades de extensão que não alcançam impacto social. A AA também pode revelar que a transdisciplinaridade parece distante, subsumida nas tribos e seus territórios; que falta a aplicabilidade da pesquisa em situações e problemas localizados, em problemas reais ou a geração de resultados por meio de produtos que façam sentido para um Brasil vitimado por tantos e tão concretos problemas sociais e políticos. A metodologia de avaliação de um programa e sua sustentação teórico-prática confirmam que participação em presença ou em rede é autopoietica, significa uma

forma de auto-organização, de seres em relação, com objetivos em comum. Um programa pode autorregular-se usando a AA, atingindo, portanto, sua auto sustentabilidade. A auto sustentabilidade do Programa, parte dos SDGs/Unesco para inovação e futuro da educação superior, se beneficia com o esforço da Autoavaliação, do planejamento estratégico, autogestão e/ou cogestão. As informações resultantes dos ciclos de AA, presencial ou em Rede, compõem a base para tomada de decisão e atuação dos gestores e dos coordenadores locais. As respostas burocráticas cedem espaço às posturas de implicação com a causa comum e a responsabilização participativa se viabiliza. Ainda estamos aprendendo neste campo. E a AA consegue influir nessa aprendizagem dado seu caráter aberto de acolhida a cada um em particular e ao coletivo, sua dimensão intrínseca de formação de memórias de trabalho democrático.

Metodologia: Exposição dialogada sobre os eixos temáticos anunciados. Registro em um forms das experiências locais de AA dos participantes. Roda de conversa pautada no mapeamento realizado.

Referências

DIAS SOBRINHO, J. Avaliação como instrumento da formação cidadã e desenvolvimento da sociedade democrática: por uma ético-epistemologia da avaliação. In RISTOFF, D. & ALMEIDA JUNIOR, V.P. Avaliação Participativa, perspectivas e desafios. Brasília, INEP, 2005, p.15-38.

FREITAS, L. C. Qualidade Negociada: avaliação e contra-regulação na escola pública. Educação & Sociedade. Campinas: vol. 26, n. 92, p. 911-933, Especial – Out. 2005.

LEITE, D. Conhecimento em Educação: um olhar desde o estudo sobre redes de pesquisa

e colaboração ou os sapatos da Educação. Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior, Campinas; Sorocaba, v. 19, n. 3, p. 773-788, nov. 2014.

LEITE, D.; PINHO, I. Evaluating collaboration networks in higher education research: drivers of excellence. New York: Springer International Publishing - Palgrave Macmillan, 2017.

LEITE, D; VERHINE, R; DANTAS, L.M.V; BERTOLIN, J.C.G A autoavaliação na Pós-Graduação (PG) como componente do processo avaliativo CAPES Avaliação, Campinas; Sorocaba, SP, v. 25, n. 02, p. 339-353, jul. 2020

SORDI, M.R.L & FREITAS, L.C. Responsabilização Participativa. Revista Retratos da Escola, Brasília: v. 7, n. 12, p. 87-99, jan. /jun. 2013.

SORDI, M.R.L. Desafiando a hegemonia do campo da avaliação da qualidade das escolas: a avaliação institucional participativa como estratégia. Tese (Livre docência) -UNICAMP, Campinas, 2018

